

## ENTREVISTA COM JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: O PRINCÍPIO E A TRAVESSIA DO RIO

### *INTERVIEW WITH JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: THE BEGINNING AND THE RIVER CROSSING*

Por Luciana Ferreira Leal\*

Ítalo Calvino, há quase trinta anos escreveu que “[...] há coisas que somente a literatura com seus meios específicos pode nos dar” (1990. p. 11). Há menos tempo Tzvetan Todorov considerou que a literatura, e sobretudo ela, nos torna “[...] mais próximos dos outros seres humanos”, além de “[...] nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.” (2009. p. 76).

A literatura voltada para crianças e jovens ainda é vista como uma literatura de menor valor por grande parte dos críticos literários, talvez pela sua origem e pela sua associação frequente com os textos de prática pedagógica.

Por outro lado, nomes notáveis que se ocupam da escritura de obras do gênero são, frequentemente, nomes que construíram carreiras voltadas para todos os públicos, como é o caso do escritor João Anzanello Carrascoza. No entanto, atualmente, a literatura para crianças e jovens ganha cada vez mais destaque e tem esse prestígio refletido no mercado editorial.

João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos (SP), em 1962, e escreve romances, contos e livros infantis, juvenis e adultos. Descobriu a paixão pela literatura desde menino, tanto com as histórias que o pai lhe contava quanto nos livros da pequena biblioteca de sua mãe. Em São Paulo, cursou publicidade e atuou como redator publicitário durante quase três décadas, em grandes agências de propaganda do país. Mestre e doutor pela USP, hoje dedica-se à docência na USP e na ESPM e escreve para todos os públicos, com textos traduzidos para inglês, francês, italiano, croata, sueco, espanhol, entre outras línguas.

Carrascoza tem mais de 60 livros publicados. Sua produção inicial foi de poemas. As obras infantis *As flores do lado de baixo* e *De papo com a noite* foram publicados em 1991. Depois, vieram as narrativas adultas e, embora tenha estreado na literatura com as obras infantis, só foi se dedicar a este gênero mais tarde. Publicou duas coletâneas de poemas em edições independentes. O escritor considera que o contato inaugural com a poesia acabou por desaguar em sua prosa. Ainda antes de estrear em livro, publicou vários contos curtos para adultos em revistas e suplementos literários.

Recebeu importantes prêmios literários do país, entre os quais Jabuti, Candango, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Associação Paulista dos Críticos de Arte e Cátedra Unesco, além dos prêmios internacionais Guimarães Rosa/Radio France e White Ravens (Library Munich).

Com uma linguagem fluida e poética e por meio de experiências subjetivas e intimistas, a prosa de Carrascoza possibilita a caminhada do leitor para o interior de sua própria existência e olhar atento para questões esquecidas. Sua prosa não é de crítica social, mas de intimismo e por isso caminha quase que na contramão da literatura brasileira contemporânea. Se a tônica da literatura na contemporaneidade é a crise, o medo, a ansiedade e a violência nos grandes centros urbanos, por meio de um realismo exacerbado, a prosa de Carrascoza é subjetiva. As situações são ordinárias e familiares e as relações humanas são momentos de construção de aprendizados, de beleza e de lirismo.

## A entrevista

**Leal:** Nos últimos anos, você teve publicado um conjunto bastante importante de livros infantis e juvenis. Como surgiu seu interesse pela literatura infantil e juvenil?

**Carrascoza:** Eu estava escrevendo meu primeiro livro de contos, *Hotel solidão*, quando uma amiga me convidou para contar histórias numa escola infantil. Como estava me iniciando na escrita, julguei que, em vez de apresentar às crianças contos clássicos, da tradição oral ou escrita, já conhecidos, deveria criar uma narrativa própria – e assim surgiu *As flores do lado debaixo*, com a qual de fato fiz a minha estreia literária.

**Leal:** Para você, o que define ou caracteriza a literatura infantil? Há especificidades que particularizam a Literatura infantil e a diferenciam da Literatura Juvenil e de Literatura adulta?

**Carrascoza:** Cada obra, a meu ver, é um rio que flui à medida que encontra seu leitor. E esse leitor, dependendo de suas vivências, é capaz de ir a camadas mais fundas do livro-rio, ou somente navegar em seu curso – o que importa é entrar no rio, seja com um barco, seja com roupa de mergulhador. Como ficcionista, sinto certa atmosfera na hora de criar uma história: se penso no menino que fui e quero contemplá-lo, crio um relato que o acolhe, o abraça, o console se for o caso. O que não significa que a trama deva ter um protagonista menino. Não sou eu quem diz se o texto resultante é literatura infantil, juvenil ou adulta. Eu abro a nascente e o rio vai pela paisagem, como uma criança curiosa, um jovem aventureiro, um adulto inquieto com suas águas.

**Leal:** A literatura infantil e juvenil apresentam, do seu ponto de vista, alguma diferença ou especificidade em relação à produção literária “não infantil” e “não juvenil”?

**Carrascoza:** Para mim, na qualidade de autor, os livros são para todo e qualquer leitor – embora há rios que não atraiam os mais jovens, há rios cujas correnteza arrasta o interesse de pessoas maduras, há rios caudalosos que clamam especialmente pela presença de velhos pescadores.

**Leal:** O que torna essa literatura específica (ou não), a ponto de ser necessário utilizarmos o adjetivo “infantil” e “juvenil” para delimitá-la? Poderíamos dispensar o uso desses adjetivos?

**Carrascoza:** Rio é rio, abre-se para gente de todas as idades. Há quem se molhe nele apenas para o batismo, há quem se divirta entre as suas margens, quem se espraie em direção à sua foz, quem se encante em subir em seus bancos de areia, quem goste de nadar contra a sua corrente.

**Leal:** No Brasil, as pesquisas sobre literatura infantil têm-se dado, prioritariamente, em Programas de Pós-Graduação em Educação, Letras e Psicologia. Essa variação de campos em que se produzem as pesquisas sobre literatura infantil no Brasil deve-se, em partes, ao preconceito que ainda existe no campo das Letras (estudos literários), mas também às características multifacetada e interdisciplinar da literatura infantil. Como você observa essa questão do preconceito para com a literatura infantil e juvenil?

**Carrascoza:** O preconceito nasce por se conceber a “literatura infantil” com um gênero menor e, sobretudo, aquém do refinamento literário que se espera de obras complexas. Mas nenhum ser humano é simples. Quem disse que as crianças vivem no raso da existência?

**Leal:** Você enfrentou algum tipo de problema ou preconceito quando decidiu escrever Literatura infantil e juvenil?

**Carrascoza:** Sou um escritor que transita por vários gêneros literários, com obras que atingem os mais diferentes públicos – talvez por isso seja visto pela crítica literária como um autor de obras para adultos, que também escreve para crianças e jovens. E visto pelos estudiosos de “literatura infantil e juvenil” como

um autor legítimo desse campo, mas que também escreve obras para adultos. Enxergam a minha produção como dois rios, quando ela é um só.

**Leal:** Você deseja acrescentar mais alguma informação que considera importante em relação ao assunto aqui tratado?

**Carrascoza:** O rio agradece quem nele se atira e o leva a seu mundo, onde outras pessoas podem conhecê-lo, seja por um intrincado sistema de irrigação, seja apenas por um punhado de suas águas.

A entrevista com o escritor João Anzanello Carrascoza traz reflexões interessantes sobre a literatura infantil e juvenil e a relação do autor com essa área. Carrascoza relata que começou a escrever para crianças quando foi convidado a contar histórias em uma escola infantil. Essa experiência o levou a criar sua primeira obra, "As flores do lado de baixo". É interessante observar como o contato direto com o público infantil pôde influenciar a produção literária, abrindo novas possibilidades criativas.

O autor defende que cada obra é um rio que flui de acordo com o leitor que o encontra, e que não cabe ao autor definir se um texto é para crianças, jovens ou adultos. Ele ressalta que, como ficcionista, busca criar histórias que acolham e consolem o leitor, mas isso não implica que a trama deva ter um protagonista jovem. Essa visão ampla da literatura infantil como um gênero que não se limita a uma faixa etária é um ponto importante dessa entrevista.

Para Carrascoza, os livros são para todo e qualquer leitor, e não há uma diferença essencial entre a literatura infantil e a literatura adulta. Ele acredita que cada obra tem seu próprio rio, que atrai leitores de todas as idades. Essa perspectiva pode ser contrastada com visões que consideram a literatura infantil como um gênero inferior ou simplificado em relação à literatura adulta.

Considera-se que, a partir da entrevista e das análises realizadas em sua obra, que a poética da literatura de Carrascoza não tem uma intencionalidade de

público. Leitores infantis, juvenis e adultos podem encontrar na escrita do autor universos semelhantes aos seus e por meio dessa leitura refletir sobre suas vidas. Dessa forma, apesar das classificações, as obras de Carrascoza podem ser lidas por diversos públicos. De acordo com Lajolo e Zilberman (1994, p. 12), a literatura infantil:

[...], talvez se defina pela natureza peculiar de sua circulação e não por determinados procedimentos internos e estruturais alojados nas obras ditas para crianças. Na história da literatura infantil européia, são muitos os exemplos de obras, hoje consideradas clássicos para a infância, que, na sua origem, não continham essa determinação de público. *Robinson Crusoe* e *Viagens de Gulliver* são exemplos que ilustram a tese aqui colocada.

Portanto, não é tanto pelo caráter interno do livro infantil, mas pela sua circulação, pela sua dependência histórica com as instituições de ensino, que, inclusive, influenciam o caráter pedagógico de algumas dessas histórias; o que acaba por diferenciar a literatura infantil da literatura não infantil. Ainda, segundo a estilística, há maneiras muito semelhantes de se dizer coisas muito diversas e essas obras de Carrascoza, sejam as categorizadas como literatura infantil e juvenil ou as orientadas para o público adulto, apresentam semelhanças em sua poética literária que coloca essa literatura infantil e juvenil no mesmo patamar artístico da literatura não infantil.

Carrascoza aponta que o preconceito em relação à literatura infantil pode surgir da ideia de que ela é um gênero menor e menos refinado. Ele contesta essa visão, argumentando que as crianças não vivem no raso da existência e que a literatura infantil pode ser complexa e instigante. A questão do preconceito em relação à literatura infantil pode ser analisada à luz das características multifacetadas e interdisciplinares desse gênero, que envolve não só a literatura, mas também a educação e a psicologia, entre outras áreas.

O escritor destaca que transita por vários gêneros literários e que sua produção é um só rio, embora seja vista por críticos e estudiosos como duas correntezas separadas (uma para adultos e outra para crianças e jovens). Esse

aspecto pode ser considerado como uma forma de problematizar a divisão entre literatura infantil e literatura adulta e as expectativas que se criam em torno de cada uma delas.

Ao longo da entrevista, Carrascoza enfatiza a importância da experiência do leitor na relação com a literatura. Ele vê a literatura como um rio que flui de acordo com o leitor que o encontra e defende que o que importa é entrar no rio, independentemente da idade ou da formação literária. Essa comparação da literatura com o rio é por demais significativa, uma vez que a simbologia do rio pode variar dependendo do contexto cultural, histórico e literário em que é utilizada, mas em geral, o rio é frequentemente associado à vida, à transformação, a fluxo constante e a caminho (Chevalier; Gheerbrant, 2000).

O rio pode ser visto como um símbolo de vida, já que muitas vezes é considerado uma fonte vital de água e alimento. Ele pode representar o ciclo da vida, com suas nascentes, cursos e desembocaduras, bem como a passagem do tempo. O rio também pode ser interpretado como um símbolo de transformação e mudança, já que suas águas estão sempre em movimento e podem desgastar, moldar e modificar a paisagem ao seu redor. Como tal, a literatura pode ser vista como uma metáfora para o processo de crescimento, aprendizado e evolução pessoal.

O simbolismo do rio, associado à literatura, é, ao mesmo tempo, o da “possibilidade universal e o da fluidez das formas, o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte.” (Chevalier; Gheerbrant, 2000, p. 180). A literatura é um rio porque é fluxo constante, porque representa a inevitabilidade da mudança das transformações, uma vez que somos modificados pelas experiências fictícias que vivenciamos ao longo de nossas leituras.

Finalmente, o rio pode ser visto como um símbolo de caminho ou jornada, já que sua correnteza oferece uma direção e um sentido, assim como a literatura que possui o poder de transformar sociedades, representando existências e levando ensinamentos para a vida. Os livros, ao construir narrativas, conseguem

ir para além da redação e nos fazer ressignificar sociedades, interações, convenções e atitudes pessoais. A literatura de Carrascoza é o rio que possibilita ao leitor a descoberta de sentidos e a reinvenção da realidade, possibilitando a compreensão do mundo à volta por meio de diversas perspectivas.

#### Notas

\* Doutora em Letras, professora do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7139-6765>. E-mail: [luciana.leal@unespar.edu.br](mailto:luciana.leal@unespar.edu.br)

#### Referências

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 11.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1994.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura? In: **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. p. 76.